Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
Vol. 2, n. 1, jan-ago. 2016
Missões

Projeto Mulheres sem Fronteiras: reflexões entre teoria e prática através das oficinas "Fala Sério"

Design Women without Frontiers: reflections between theory and practice through the offices "Serial Speech"

Ewerton da Silva Ferreira[1]
Roberta Brezezinski Moreira[2]
Jaqueline Carvalho Quadrado[3]

RESUMO: O presente artigo busca refletir sobre as ações realizadas no programa de extensão universitária "Mulheres sem Fronteiras", através das oficinas "Fala Sério", desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio da rede pública de ensino de São Borja – RS. De maio a outubro de 2016 foram trabalhadas quinzenalmente, oficinas com diversas temáticas relativas às violências ligadas ao gênero, sexualidade, relações étnico-raciais e a diversidade, por meio de dinâmicas que propiciaram a interação dos adolescentes com vistas ao empoderamento. Para a fundamentação teórica utilizamos referências bibliográficas e documentais que nos mostram a importância de se falar sobre tais temáticas, a fim de esclarecer porquê é importante este trabalho dentro das instituições escolares. Os autores utilizados como referências bibliográficas são Fernando Seffner e Guacira Lopes Louro, os quais discutem a temática no âmbito educacional, e a referência documental principal foi a Lei Maria da Penha. As oficinas foram desenvolvidas por bolsistas de extensão universitária dos cursos de Licenciatura em Ciências Humanas e Ciências Sociais- Ciência Política, e estagiária do curso de Serviço Social. Os discentes responsáveis pelas oficinas, realizaram levantamento bibliográfico sobre os temas em notícias de jornais, revistas e comerciais de televisão. A partir destas referencias, entre outras, foi possível conhecer e aprofundar um pouco mais sobre o tema sexualidade, gênero e educação sexual no contexto escolar. O segundo momento, foi dedicado à apresentação do projeto e agendamento das oficinas com as escolas. O terceiro momento, foi a realização das oficinas com os alunos. Resultados parciais: as oficinas foram recebidas de forma bastante positiva, pois segundo relatos das coordenações pedagógicas existem lacunas na formação de muitos professores e dificuldade na abordagem dos temas em sala de aula. Destaca-se que as instituições escolares atualmente, não seguem mais os padrões normativos, onde os sujeitos não expressavam suas diversidades. Mesmo com os debates recentes onde excluíram a palavra gênero do plano estadual e municipal de educação, existe uma preocupação com o debate sobre a temática nas escolas. Por este motivo, os resultados esperados foram alcançados ao conseguir sensibilizar e estimular a reflexão dos/as jovens sobre as temáticas propostas.

Palavras-chave: Violência, Diversidade, Escola, Oficinas.

RESUME: The present article aims to reflect on the actions carried out in the project of university extension "Women without Borders", through the workshops "Fala Sério" that seek to discuss with the students of high school of public schools in São Borja - RS, related the

[1] Acadêmico do Curso de Ciências Humanas – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa – campus São Borja. E-mail: ewertonferreira_@hotmail.com
[2] Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa – campus São Borja. E-mail: robertinha_bre@hotmail.com
[3] Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa- campus São Borja. E-mail: jaquelinequadrado@unipampa.edu.br

violence gender, sexuality, ethnic-racial relations and diversity. Program of Academic Development (PDA) develops the workshops from the courses of Human Sciences - Bachelor and Political Science at Federal University of Pampa, where the students are responsible to the activities, at first moment conducted a literature review on the themes in news from newspapers and magazines, television commercials. The authors used as reference for the development of workshops are Fernando Seffner and Guacira Lopes Louro, which discuss a thematic in the educational scope. From the clipping, it was propose to the students the development of two activities, one per meeting. They are: at first, a reflection on the various forms of violence and produce a video in order to problematize the fact violence generates violence. In the second, the theme is representativeness, being propose to the students to create a fanzine that represents all members of the group; and at the end, they will be reproduce and delivered to other members. After the contact, some schools requested lectures to students of all high school grades and then the individual works with the groups of the third year targeted by the project. Partial results: the workshops were receive in a very positive way because according to reports of pedagogical coordination there is a gap in the formation of many teachers and difficulty in addressing the themes in the classroom. It is emphasize that school institutions today do not follow the normative standards, where the subjects did not express their diversities. Even the recent debates where they excluded the word gender from the state and municipal education plan there is a concern about the debate on the subject in schools. For this reason, the results expected through discussions in the workshops are very productive both by academics and by the teams of management schools.

Keyboards: Diversity; School; Offices; Women without frontiers.

Introdução

O presente trabalho é oriundo de reflexões das oficinas denominadas "*Fala Sério*", que tinha como principal objetivo, sensibilizar os estudantes do Ensino Médio de escolas públicas do município de São Borja – RS, sobre as violências na escola e em outros espaços de socialização, por meio de diálogos, motivando-os a participar do processo de desconstrução de saberes e práticas enraizadas em seu cotidiano, com vistas à emancipação pessoal e política. As atividades integram o programa de extensão universitária "*Mulheres Sem Fronteiras*[4]", que tem por objetivo instigar ações socioeducativas sobre os direitos sociais das mulheres e seu protagonismo no acesso às políticas públicas.

O projeto está ligado a política pública de ensino, pesquisa e extensão presente na regulamentação da Universidade, estabelecido pelo Plano Nacional de Extensão, que diz

[4]O Programa Mulheres Sem Fronteiras possui como marca histórica buscar aproximar a universidade com a necessidade da comunidade local e, portanto, realiza vários projetos institucionais como, por exemplo, Pegada Segura (2015), curso Direitos das Mulheres, Formação Continuada em Gênero e Diversidade na Escola (2015), Campanha 16 dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres(2014 e 2015), Seminário (Des)Fazendo Saberes: identidade, diversidade e direitos humanos (2016), Oficinas Fala Sério (2016), grupo de estudos e debates, abertos na plataforma facebook: grupo gênero e diversidade e grupo gênero e diversidade na escola, ambos criados em 2015.

> A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (BRASIL, 2006).

A implementação de oficinas em parceria com as escolas públicas demonstra a importância da função social das universidades públicas na sociedade. Este projeto oferece ações pautadas nos temas transversais preconizados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, com intuito de formar uma rede com escolas e desta forma contribuir com a ampliação do diálogo entre universidade e comunidade externa, buscando assim auxiliar na inclusão de novos temas no currículo escolar, voltados a realidades locais, bem como promover a diversidade, rompendo com violências de gênero nas escolas.

> Os Parâmetros Curriculares Nacionais incorporam essa tendência e a incluem no currículo de forma a compor um conjunto articulado e aberto a novos temas, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. O currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos. (PCN, 1997. p. 25)

Será realizado a seguir retrospecto das atividades já realizada pelo Programa no ano de 2016, para que fique claro o motivo da escolha de trabalhar com estudantes e não mais preferencialmente com professores/as[5]. O Programa Mulheres Sem Fronteiras realizou uma edição de formação continuada para professores/as da rede pública no ano de 2015, sobre gênero e diversidade na escola, entretanto, houve uma baixa adesão à formação, pelos mais diversos motivos, tais como, não interesse em discutir o assunto, sobrecarga de horas/aulas, convicções religiosas, medo de perder o emprego, ao fazer um curso não recomendado pela equipe diretiva, visto que grande parte dos professores/as estão num regime de trabalho precarizado, por meio de contratos etc. Neste ano também discutiu-se a retirada da palavra gênero dos planos municipais e estaduais de educação, greve e paralisações dos professores/as no Estado, dentre outros motivos alegados na época.

Outro aspecto que se levou em consideração é o forte predomínio do conservadorismo em cidades de fronteiras e resistências às mudanças, o que fez com que a equipe executora do programa a reelaborasse as estratégias de abordagem sobre um assunto tão polêmico e tão necessário a se discutir.

[5] Utilizaremos sempre a nomeação de os/as como forma de igualdade entre os gêneros.

Assim, após vários diálogos, estabeleceu-se que o foco não seria mais os professores/as e sim os alunos/as. O público alvo escolhido entre todos os membros da equipe do Programa teve questionamentos como: Quem demanda? Quem sofre? Quem é oprimido? Quem é excluído? Quem evade da escola? Quem vive o cotidiano da escola, da sala de aula, do intervalo, do banheiro (escritas nas portas, nas paredes e espelhos), dos diversos espaços escolares? Quem não tem voz ativa? Quem não está o suficiente empoderado para resistir e combater as diversas formas de violência que sofre na escola e muitas vezes continua nos espaços fora da escola?

Justifica-se também, que esses jovens são capazes de pensar, sentir e falar, não meros expectadores de um monólogo. Outro fator relevante é quem conduz os diálogos são professores/as, que no desempenho de suas funções avaliam e ensinam dentro de certos padrões etc. Por isso, percebeu-se que os universitários seriam um canal mais fácil para o diálogo, visto não estarem implicados nos processos escolares e de outros processos de socialização dos adolescentes.

Assim, no ano de 2016, a temática central das ações do projeto foi voltada à "violência que gera violência", e as atividades realizadas foram baseadas nos planos de aula desenvolvido pela Organização das Nações Unidas - (ONU), que busca promover ações de igualdade de gênero e da equidade social, na tentativa de diminuir os casos de agressão entre os estudantes no ambiente escolar. Tais discussões são importantes, pois de acordo LOURO (2000) as identidades sociais e culturais são políticas, e são através dessas afirmações que conseguimos tomar os espaços que outrora não era considerado um espaço de todos. A cartilha "Valente não é violento" também desenvolvida pela ONU, dentro da campanha UNA-SE Pelo fim da Violência Contra as Mulheres, objetiva estimular a mudança cultural de comportamentos e atitudes machistas enraizadas na sociedade, destacando a responsabilidade dos homens no processo de desconstrução e supressão da violência contra as mulheres e meninas. Também segundo LOURO (2000), através dos processos culturais, definimos o que é – ou não – natural, produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, consequentemente, as tornamos históricas. Nesse sentido, a proposta das oficinas em ambiente escolar vem ao encontro de um trabalho multidisciplinar, onde os adolescentes encontram-se inseridos no processo de desconstrução da naturalização das diversas formas de violência vivenciadas em nossa sociedade.

As oficinas "*Fala Sério*" constituiram um espaço de discussão sobre a temática da violência, no âmbito escolar, para que seja possível criar oportunidades aos alunos/as, professores/as e estudantes universitários, visando a problematização e busca de possíveis

soluções para a diminuição de saberes e práticas de cunho violento. Segundo SEFFNER (2011) "Trata-se de abrir espaços para escutar as histórias dos alunos e discutir as cenas que acontecem nas escolas, buscando enfrentar um grande número de questões".

Ações metodológicas

Para concretizar o projeto, problematizou-se temas que são recorrentes dentro das escolas, tais como, LGBTfobia, machismo, *bullyng* com pessoas deficientes, obesidade, africanidade, dentre outras manifestações de preconceito, violência, discriminação, e que precisam de ações na busca de transformar o ambiente escolar em um espaço, que vise de fato a emancipação social, política e cultural dos sujeitos que ali passam parte de suas vidas.

Foram mapeadas escolas da rede pública de Ensino Médio do município de São Borja, e a partir das demandas de estagiários do curso de Ciências Humanas – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa – campus de São Borja foram selecionados relatos em uma escola da rede municipal e duas da rede estadual. Tal escolha justifica-se por questões estratégicas de deslocamentos[6] e disponibilidade de horários, tanto das escolas como dos bolsistas e a estagiária. A partir desta seleção, contatou-se o Serviço de Orientação Educacional – SOE de cada escola, realizando diagnóstico de como estão sendo tratadas as questões de violência, de gênero, sexualidade e diversidade. A partir do mapeamento, foram acordadas as realizações das oficinas nas respectivas unidades escolares. Portanto, no início das atividades, identificaram-se os principais problemas em diálogo com o SOE e, em seguida, planejou-se as ações para os estudantes com enfoque em algumas temáticas demandadas pela escola.

Ressalta-se que o procedimento metodológico contou com o apoio de dois bolsistas do projeto de extensão, uma aluna estagiária do Programa, a coordenadora do projeto de extensão, e a participação de professores/as e alunos/as das escolas escolhidas, de forma sistemática e continuada, além do desenvolvimento e disseminações de ações, informações e de conhecimento entre a comunidade escolar.

As ações do projeto foram desenvolvidas em três momentos, sendo eles:

[6] Somente um bolsista da equipe tinha auxílio de edital específico, para deslocamentos. Assim, optou-se por escolas próximas da região central do município e que a equipe pudesse trabalhar conjuntamente e deslocar por meio próprio sem custos adicionais.

1) os bolsistas e a estagiária realizaram pesquisa bibliográfica e documental em materiais que possibilitaram o conhecimento e aprofundamento do tema violência em sala de aula, a fim de se qualificar para mediar as oficinas.

2) Contato com as escolas, e proposição de oficinas para dialogar com os alunos, a respeito da violência de gênero e o respeito às diversidades.

3) Realização das oficinas nas escolas escolhidas.

As oficinas aconteciam a cada 15 dias, no período de maio a outubro de 2016, conforme agendamento prévio com o SOE de cada unidade escolar, com duração de aproximadamente duas horas. No agendamento, a professora responsável pelo SOE indicava a turma que poderia participar da oficina. Assim, a escolha dos participantes acontecia com indicação da escola. Os critérios eram justificados por demandas da turma, tais como, comportamento, dificuldades de relacionamento e relatos de casos de violência.

Deste modo, a formação do grupo era intencional com alunos que se identificavam ou não com as temáticas, o que de certo modo contribuiu com as discussões através de depoimentos, experiências e saberes. Observa-se que a média de idade dos alunos variava entre 15 e 19 anos.

Análise escola 01

A presente escola estadual está localizada no centro do munícipio, com um público de alunos/as classe média, predomínio de estudantes brancos, do cisgênero masculino, que moram no entorno. Inicialmente foram abordadas as formas de violência, com foco na violência de gênero, em seguidas os alunos foram divididos em grupos, com o intuito de conhecer o que eles sabiam sobre o tema e criar proposições para superação das mesmas. Para realizar tal ação foram distribuídas cartolinas, onde cada grupo formou-se pela tipificação de uma forma de violência. Abaixo comentaremos a compreensão de cada grupo sobre o assunto.

> *Gupo 01- Agressão Física*[7]
> *Toque; Soco; Tapa; Arranhão; Chute; Toalhada; Puxão de cabelo; Beliscão; Cotovelada; Coronhada; Empurrão; Chinelada; Abuso sexual.*

[7] Todas as palavras e frases foram transcritas de forma original.

O grupo 01 ficou encarregado de abordar a "violência física", mas no cartaz consta "agressão física". É notório que a compreensão sobre o assunto é unanimidade entre os alunos ao relatarem na apresentação do cartaz que diversas vezes presenciam tais ações dentro do ambiente escolar, na comunidade onde vivem e até em casa. A proposição deles para o combate à violência física é a criação de cartazes, que demonstrem o combate à agressão física. Um dos anúncios traz a imagem de dois meninos brigando e uma frase que diz: "Diga não à qualquer tipo violência". Nesse sentido, podemos perceber que os educandos compreendem que a violência no ambiente escolar é ruim.

> *Grupo 02- Violência Doméstica*
> *Ocorre em casa; geralmente com mulheres e crianças; A violência não é penas agressão física mas também verbal; Recursos para esse tipo de violência: Lei Maria da Penha e Conselho tutelar; a internet também é um recurso.*

O Grupo 02 ficou encarregado de abordar a "violência doméstica", tornando-se explícito o conhecimento sobre os recursos de combate e ferramentas para a denúncia informal. O cartaz elucida a imagem de uma balança que se denomina "Responsabilidade Doméstica" e carrega a simbologia do sexo feminino e masculino, como tendo o mesmo peso, buscando igualdade entre os gêneros.

> *Grupo 03- Violência Psicológica*
> *Bullying; agressão verbal; auto estima baixa, mais difícil de ser percebida que as outras.*

O grupo 03 ficou encarregado de abordar a violência psicológica, onde os alunos, apesar de não explicitarem nada no cartaz durante suas falas apontaram diversos casos de *bullying* na escola, dentre eles o caso com maior ênfase foi o *bullying* homofóbico. De acordo com eles, as práticas preconceituosas são constantes com alunos que tem orientação sexual distinta dos padrões hetero e cis normativos.

Análise escola 02

A presente escola também encontra-se no centro do município de São Borja, porém o público de alunos é em grande maioria adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Foram designadas as turmas de 1º, 2º e 3º ano no auditório da escola, sendo compostas por em média 12 alunos por turma.

Inicialmente, abordava-se o tema violência de forma ampla, logo, dividia-se os alunos

em grupos, com o intuito de criar o dispositivo lambe-lambe[8] com conteúdo de enfrentamento à violência, com foco nos seguintes eixos: violência sexual, física, psicológica e doméstica.

Para discutir tais categorias, utilizou-se revistas para recorte, cola e papel, e canetões, pois a intenção era produzir cartazes com desenhos, palavras ou frases que representassem os temas que haviam sido discutido, criando o dispositivo lambe-lambe.

Aos alunos, foram propostas oficinas com o desenvolvimento de uma atividade por encontro. Sendo elas, no primeiro encontro, reflexão sobre as diversas formas de violências, a fim de problematizar sobre o fato que violência gera violência. Na segunda, o tema foi representatividade, sendo proposto aos alunos a criação de um *fanzine*[9] que simbolizasse todos os integrantes do grupo. A proposição era que cada aluno produzisse o material e um cartaz lambe-lambe, buscando entrelaçar a ideia de arte de rua. Dentre os materiais coletados nessa oficina, destacaram- se as seguintes manifestações:

Lambe-Lambes:

"Deixa ELA em PAZ" Esta frase simboliza a proposição do fim do assédio, e se encaixa no tema violência psicológica;

"O MACHISMO MATA" Esta frase pode ser remetida a todos os tipos de violência contra mulher, e esclarece a compreensão e posicionamento político dos alunos;

"FIU-FIU NÃO É ELOGIO, É ASSÉDIO" Esta frase também se remete á violência psicológica.

Dentre os assuntos abordados, a temática da violência psicológica destacou-se, evidenciando também o posicionamento e o esclarecimento sobre a temática , que são indicadores da consciência politica e de resistência ao poder patriarcal que perpassa o cotidiano e vivência dos adolescentes, entre elas a compreensão de que a violência contra a mulher não se caracteriza como um fenômeno que restringe classes sociais, etnias específicas ou que é determinada pela faixa etária, porém sabe-se do determinismo das relações sociais vivenciadas pelas mulheres que sofrem algum tipo de violência.

Análise escola 03

[8] **Lambe-Lambe** Pôsteres artísticos de tamanhos variados que são colados em espaços públicos em ser pintados individualmente com tinta látex, spray ou guache ou ser feitos em série. Reprodução através copiadoras ou silk-screen. Disponível em < http://www.dicionarioinformal.com.br/lambe-lambe/>. Acesso em 20/04/2017 às 14h35min

[9] Fanzine é a aglutinação de *fanatic* magazine (expressão da língua inglesa que significa "revista de fanático"). É, portanto, uma revista editada por um fã. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>. Acesso em 20/04/2017 ás 14h45min.

A presente escola está localizada próxima à estação rodoviária da cidade de São Borja, destacada por ser uma região em vulnerabilidade social, os participantes das oficinas foram os alunos do 3º ano do Ensino Médio, em sua maioria mulheres, com idade entre 15 e 17 anos.

Aos alunos foi proposta atividade com o desenvolvimento de *fanzines.* Posto os fatores relevantes para a intervenção no ambiente escolar, destacam-se algumas falas dos alunos que indicam a ampliação de consciência sobre as temáticas tratadas durante as oficinas:

Fanzines:

- "DE SAIA JUSTA OU SHORTINHO, A MULHER MERECE RESPEITO" Este material foi produzido com recortes de revistas que traziam fotografias de mulheres com roupas curtas e com roupas longas e a frase era destacada com letras recortadas.

- " O SEU FIU- FIU É UM DESRESPEITO". Este material foi produzido com recorte de imagens de bocas abertas e fechadas, com destaque na frase composta de letras recortadas.

Da criação dos *fanzines* pelos adolescentes, verificou-se que objetivos já foi alcançado ao constatar por meio de desenhos, palavras e frases uma forma de protesto político, como pode verificar-se na citação abaixo:

> Incorporar as expressões de gênero e étnico-raciais no contexto da sociedade de classes à prática profissional dos Assistentes Sociais coloca em destaque uma forma de ver e intervir na realidade social que considera gênero uma das contradições básicas fundantes da sociedade, no mesmo processo que classe social e raça/etnia (AMARAL, 2011, p. 2).

Resultados e discussões

Ao pensar-se o processo educacional no Brasil é preciso compreender que a escola começou a receber diversidade significativa de estudantes, a partir do processo de democratização, que alavancou após a Constituição de 1988, que entende a Educação como um direito de todos. Nesse sentido, é necessário verificar que embora a legislação que rege a entrada de novos sujeitos na escola pública é democrática, os currículos escolares continuam os mesmos do período que escola recebia apenas parte da elite branca, classe média alta e cristã.

> Estamos no meio de uma disputa política em torno das identidades sexuais e de gênero – é o que parecem indicar as situações aqui analisadas. Esta disputa é travada, quotidianamente, em múltiplas instâncias sociais e, no currículo. De um lado, o discurso hegemônico remete à norma branca, masculina, heterossexual e cristã; de outro lado, discursos plurais, provenientes de grupos sociais não hegemônicos lutam para se fazer ouvir, rompendo o silenciamento a que foram historicamente submetidos. A escola e o currículo estão imersos em tudo isto, fazem parte deste jogo, portanto tem a possibilidade de alterar a configuração da luta (LOURO, 2000, p. 56).

Portanto, é possível pensar na inserção de temáticas que fujam do currículo escolar "tradicional" presente nas escolas públicas, que ainda não consideram a entrada de novos sujeitos que trazem consigo a diversidade, seja ela: de gênero, sexualidade, religião ou étnico-racial. De acordo com SEFFNER (2011) "Para isso a escola deve se organizar na elaboração de projetos pedagógicos, criação de temas e eixos transversais de ensino, reelaboração dos programas tradicionais de algumas disciplinas."

As relações de poder estão presente em toda nossa sociedade e não consegue fugir do ambiente da escola, por vezes essa relação se materializa através da professores (as) ao não permitirem que os seus alunos expressem suas identidade em sala de aula. Nesse contexto, em algumas instituições existe a tentativa da padronização e da naturalização de algo que não pode ser naturalizado.

De acordo com LOURO (2000) através dos processos culturais, definimos o que é – ou não – natural, produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, consequentemente, as tornamos históricas. A partir da definição do natural, existem as denominadas "pedagogias da sexualidade", estas que são responsáveis por ensinar desde pequeno "os papéis" de meninos e meninas em uma dada sociedade. É preciso criar espaços onde tais pedagogias sejam discutidas e os conceitos recriados, pois em muitas escolas hoje existe o desconhecimento dos temas, causando assim a padronização de sujeitos que possuem particularidades diversas, dentre elas as mais diversas identidades sexuais e de gênero.

O programa Mulheres Sem Fronteiras, por meio das oficinas "Fala Sério" objetivou quebrar com as pedagogias tradicionais e desenvolver nos alunos um olhar crítico sobre os padrões estabelecidos pela sociedade e reforçados pela grande mídia, sobretudo realçando nos educandos a necessidade do respeito ao próximo e busca pela igualdade. Destacando ainda a necessidade de afirmação política das identidades no ambiente escolar, nas palavras de LOURO (2000) podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas, e são através dessas afirmações que conseguimos tomar os espaços que outra hora não era considerado um espaço de todos.

O projeto foi bem recebido por todas as escolas onde desenvolveu suas atividades, uma vez que houve a compreensão da necessidade de discussão do tema em sala de aula. Cabe destacar que algumas escolas pediram as atividades fossem realizadas com as demais turmas, visto que em muitas turmas ocorrem casos de LGBTTfobia.

Ao ressaltarmos a realidade São-Borjense, a pesquisa de Carneiro e Fraga (2012.p 379) explana que o município não possui atendimento pelas Delegacias especializadas De

Atendimento à Mulher (Deams), neste caso, "os registros de ocorrência enquadrados na Lei Maria da Penha são efetuados em qualquer Delegacia Distrital, porém não contará com um atendimento especializado", o que pode causar o processo de revitimização da mulher que sofreu violência, pela própria rede de atendimento e combate ainda segundo Carneiro e Fraga (2012.p 395). Ao encontro com as informações disponibilizadas pela pesquisa realizada no ano de 2012 no município de São Borja, apresenta-se a insuficiência de programas, projetos, serviços voltados para o atendimento das mulheres vítimas de violência, sendo assim, possível afirmar a insuficiente presença do Estado, que insiste em manter viva a reprodução do machismo e do poder patriarcal viva em nossa sociedade.

Ao retratar a discussão do objeto de intervenção do projeto de extensão "Mulheres sem Fronteiras" pode-se tratar de alguns elementos que permitam a compreensão dos discentes que realizam o papel de oficineiros, enquanto integradores das politicas sociais, destacando a defesa de direitos sociais e humanos e na materialização da política pública, voltada ao combate da violência contra a mulher, como exemplo concreto, tratar o tema violência de gênero dentro do espaço institucional escolar, com intervenções que facilitem a compreensão dos adolescentes sobre a Lei n. 11.340/2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, esta ação permite que a intervenção seja subsidiada por leis e projetos que sustentem a base para a construção do projeto ético-político-profissional, em favor da equidade e justiça social, bem como permite que os profissionais e estudantes reelaborem o objeto de intervenção através das demandas que forem desocultadas durante a intervenção, que no caso permeiam as expressões de violência de gênero na comunidade escolar.

As oficinas devem atuar na necessidade de identificar e propor alternativas de enfrentamento às condições sociais, econômicas, aos fatores culturais, às relações sociais marcadas por diferentes formas de opressão que interferem nos processos educacionais, na efetivação da educação como um direito e elemento importante na formação dos sujeitos para o exercício da cidadania; a necessidade de articulação efetiva entre a política de educação e as demais políticas setoriais, para que sejam asseguradas as condições de acesso, permanência e sucesso escolar; a necessidade de inclusão dos conteúdos referentes aos direitos humanos na elaboração dos projetos políticos pedagógicos; a orientação à comunidade escolar e à articulação da rede de serviços existente, visando ao atendimento de suas necessidades e da "Educação Inclusiva"; o incentivo à inserção da escola na comunidade, articulando-a às demais instituições públicas, privadas e organizações comunitárias locais, buscando consolidá-la como instrumento democrático de formação e de informação, a articulação das políticas públicas, das redes de serviços de proteção à mulher, à criança e ao adolescente

vítima de violência doméstica, do sexismo, do racismo, da homofobia e de outras formas de opressão, do uso de drogas e de outras possíveis formas de violência.

Outro resultado muito importante foi o fato de publicizarmos os mais diversos direitos das mulheres, os direitos estabelecidos pela ONU, pela Lei Maria da Penha, direitos sexuais e reprodutivos, enfatizando a importância de lutarem pela sua cidadania.

Através da participação e dos depoimentos ressaltados em cada oficina, e principalmente na Dinâmica de Avaliação, constatamos possibilidades de empoderamento e emancipação, principalmente das meninas/mulheres frente às demandas do cotidiano.

Conforme Lisboa (2010, p.9),

> O empoderamento é um processo pelo qual pessoas ou comunidades criam o seu próprio espaço vital, e a partir dele aprendem a lidar criativamente com situações problemas e em função de suas necessidades básicas; o enfoque é centrado na força e na capacidade das pessoas de descobrir e desenvolver suas capacidades para vencer e superar seus problemas tanto individuais como sócio-estruturais.

Em geral, a violência contra as mulheres surge no momento em que o gênero feminino sai dos lugares que lhe é atribuído na sociedade, contestando o poder e a estrutura do patriarcado, segundo Saffioti (2001. P.120) "mulheres podem oferecer resistência ao processo de exploração-dominação que sobre elas se abate e milhões delas têm procedido desta forma". A violência praticada pode ser identificada de diversas formas, entre elas, física, psicológica, sexual, institucional e social, que quando articuladas estabelecem um conjunto que o gênero masculino dispõe para manter o poder sobre o gênero feminino.

Outro fato observado, foram as relações interpessoais entre os alunos, alguns demonstravam desrespeito com outros colegas, como por exemplo, o uso de termos, palavras comuns pelos jovens, que eles não percebiam como atos de violência simbólica, psicológica, tais como usar termos voltados à sexualidade para distorcer a imagem de outrem, palavras como "Gay", "Bicha", para abordar essa concepção foi retomado o conceito de violência psicológica presente na lei Maria Da Penha (Lei 11.340/2006), Art.7º inc. II:

> a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo á saúde psicológica e á autodeterminação.

As mais diversas formas de diversidade estão presentes na escola e compete ao corpo docente desenvolver ações onde todos sejam representados, uma vez que não vivemos em uma sociedade homogênea, e sim somos representados pela multiplicidade de expressões culturais, sociais dentre outras.

A universidade desenvolve papel fundamental para o início e continuidade nas escolas onde ainda predominam as ações de heteronormatividade , bem como nos locais onde o pensamento do patriarcado se faz presente e tenta através das pedagogias tradicionais do gênero e da sexualidade predominar. Nesse sentido, compreendemos que o desenvolvimento das oficinas Fala Sério é de extrema importância no combate aos casos violência de gênero na escola e no aumento das discussões no âmbito da educação básica.

Constata-se que, quanto mais se falar sobre o tema, mais conhecimento será possível adquirir, podendo assim fazer um trabalho consciente, sistematizado e sem preconceitos dentro das instituições escolares.

Esse foi o intuito que buscou-se nas oficinas de extensão promovidas para as instituições de educação do Ensino Médio, por meio do programa Mulheres sem Fronteiras, que tem como eixo de preocupação o modo como a sexualidade e o gênero são invisibilizados dentro das escolas.

Assim, nessas oficinas, a possibilidade de oferecer conhecimentos científicos acerca da sexualidade, propiciando discussões e proposições de mudanças sobre as questões da sexualidade, gênero, direito e diversidade sexual tanto no espaço educativo como em outros espaços de socialização, oportuniza a troca de experiências e diálogos para o desenvolvimento, entre os adolescentes, para que possam saber como agir diante das descobertas referentes ao seu corpo e sua sexualidade.

A partir das análises realizadas, podemos verificar a importância de outras estratégias de abordagens tais como, estudos, cursos, palestras, oficinas e informações que possam sensibilizar os adolescentes no seu processo de socialização e empoderamento.

Finalmente, a abordagem destas questões nas escolas através de oficinas pode desfazer e re-fazer saberes e práticas de regras e normas necessárias para a convivência entre diferentes, sem preconceitos ou estereótipos e discriminação.

Referências

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira. **O Serviço Social na Educação**. Mato Grosso: Revista Inscrita, 2000, p. 19-24.

AMARAL, Sueli Gião Pacheco do. **GÊNERO É DESIGUALDADE SOCIAL PONTOS PARA REFLEXÃO, 2011, JORNADA EIXO 2011-QUESTOES DE GENERO ETNIA E GERACAO/GENERO E DESIGUALDADE SOCIAL**.

BRASIL, **Proposta de currículo educativo para o ensino médio sobre promoção da igualdade de gênero entre adolescentes e jovens brasileiros**. Elaborado por Marcos Nascimento& Silvani Arruda Junho 2011.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Orientação Sexual. 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher.** Presidência da República, 2006

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.

_____. **PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE.** In. LOURO, Guacira (org.) O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LISBOA, Teresa Kleba, Angélica Carlos SEBASTIÃO, Larissa Brand BACK **. OFICINAS DE GÊNERO COM GRUPO DE ADOLESCENTES E MULHERES .** Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, Ano 7, n. 9, p. 01-11, 2010.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,1993.

SEFFNER, Fernando. **Escola para todos: mesmo para aqueles que manifestam diferenças em sexo e gênero**. In. Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação. Uruguaiana - RS: UNIPAMPA, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I.B**. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Cad. Pagu no.16 Campinas, 2001.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero;** Peter N. Stearns: [tradução Mirna Pinsky]. - São Paulo: Contexto, 2007.